

A Importância do Ambiente para o Psiquismo da criança Através da Análise do livro “Quarto”

JÚLIA HOMRICH JASKULSKI*

RESUMO – O presente artigo tem como objetivo articular o conceito de ambiente, para Winnicott, com a relação inicial mãe-bebê e a influência das primeiras experiências do bebê na constituição do psiquismo da criança. Para tanto foi utilizado o livro de Emma Donoghue, “Quarto” (2011), que conta a história pelo ponto de vista de Jack, um menino de cinco anos, que vive com sua mãe, Joy, ambos aprisionados em um quarto de 7m². Tomo-o como uma forma de exemplificar a importância do ambiente proposto pela mãe de Jack a ele, ambos vivendo em condições desfavoráveis.

PALAVRAS-CHAVE - Winnicott. Ambiente. Psiquismo. Relação mãe-bebê.

The importance of the environment to the individual's psyche through the analysis of the book “Room”

ABSTRACT – The present paper aims to associate the concept of environment, according to Winnicott, to the mother-baby initial relationship as well as the influence of the baby's first experiences in the constitution of the child's psyche. Therefore, this paper analyses Emma Donoghue's bestseller “Room” (2011), which tells the story from the point of view of Jack, a five-year-old boy who lives imprisoned with his mother, Joy, in a 7m² room. The book is presented here as a way to exemplify the importance of the environment provided by Jack's mother to him, despite the unfavorable conditions that they are living in that moment.

KEYWORDS - Winnicott. Environment. Psyche. Mother-baby relationship.

Introdução

“Um bebê não pode existir sozinho, sendo essencialmente parte de uma relação.”
(Winnicott, 1985, p. 99).

Para Winnicott (2002), os bebês são extremamente dependentes no início de suas vidas, de forma que são, necessariamente, afetados por tudo o que acontece. A mãe, para o mesmo autor, é considerada o primeiro ambiente do bebê, possuindo a função de apresentar-lhe o mundo em pequenas doses, suprir sua alimentação, atender às necessidades fisiológicas e facilitar a integração senso-

* Psicóloga, aluna do curso de Especialização em Psicoterapia da Infância e da Adolescência do CEAPIA

rial do bebê. Segundo o mesmo, inicialmente o bebê não é a unidade, pois forma um sistema único com a mãe-ambiente, a qual o auxiliará a vir desenvolver uma personalidade. Aos poucos, a separação entre o eu e não-eu, bebê e mãe, bebê e objeto acontecerá de acordo com a forma como o meio ambiente irá facilitar esta ruptura e, em situações favoráveis, conforme o ritmo do bebê. A confiança da criança na fidedignidade da mãe e, portanto, na de outras pessoas e coisas, torna possível uma separação do não-eu a partir do eu. (Winnicott, 1982).

Posteriormente, para que o bebê constitua sua psique individual, é necessário que a mãe lhe forneça um determinado *setting*, no qual seja possível o bebê mostrar-se, expressar sua espontaneidade, desenvolver-se e dominar as sensações apropriadas a esta fase inicial de sua vida (Winnicott, 1982). Guerra (2014) propõe o conceito de *intersubjetividade do bebê*, enfatizando a importância da mãe de colaborar ou coparticipar com o bebê do seu processo de subjetivação, de forma a proporcionar que ele vivencie suas experiências emocionais, porém, demarcando para este as diferenças entre eles e o seu próprio desejo. Winnicott (1975) propõe que o bebê, primeiramente, se reconhece através do rosto da mãe, pois quando a mãe olha para ele, reflete seus sentimentos em relação ao que vê nele, de forma a atestar a existência do mesmo, como um ser autônomo e espontâneo. Esta fase é muito importante para a constituição da personalidade do bebê, pois dependendo de como ele foi investido pela mãe, as suas relações objetais serão estabelecidas.

As funções ambientais, e, portanto, da mãe, são o segurar (*holding*), o manejar (*handling*) e a apresentação de objetos. Se estes cuidados forem suficientemente satisfeitos, significa que a mãe fez seu papel de “mãe suficientemente boa” (Winnicott, 1975). O autor descreve o conceito de “mãe suficientemente boa”, como uma adaptação quase completa da mãe às necessidades de seu bebê, porém, à medida que o tempo passa, vai deixando que o bebê, com suas capacidades, aprenda e consiga lidar com pequenas frustrações (Winnicott, 1982).

Após a primeira mamada, segundo Winnicott (1982), que em um primeiro momento é fisiologicamente necessária, o bebê passa a querer o seio da mãe, não somente por fome, mas porque esta é uma experiência prazerosa. Ele alucina que criou este seio, de forma a satisfazê-lo e passa a acreditar na capacidade de criar objetos, experimentando um sentimento de onipotência. A mãe, aos poucos, passa a não dar o seio toda vez que o bebê chora, por entender que o mesmo não está chorando por fome e precisa aprender a esperar. Desta forma, a mãe passa a mostrar ao bebê que existe uma realidade externa a ele, na qual os objetos aparecem e desaparecem independentemente dele. O reconhecimento gradual que o bebê faz da ausência de um controle mágico sobre a realidade externa tem como base a onipotência inicial transformada em fato pela técnica adaptativa da mãe. (Winnicott, 1990).

Se essa experiência ocorre como o esperado, ou seja, houve a predominância da adaptação total da mãe ao bebê, porém com algumas falhas necessárias,

o bebê na ausência da mãe passa a confiar que logo ela deve voltar. Em outras palavras, o objeto pode ser encontrado e isto significa que o bebê gradualmente passa a tolerar a ausência. (Winnicott, 1982). Entretanto, se houver um excesso de frustrações e sentimentos de desprazer, estas vivências podem se tornar traumáticas, dificultando a adaptação do bebê. Neste sentido, a função desempenhada pelo objeto primário possui um papel muito importante para que este processo não se constitua enquanto traumático (Vieira e Zornig, 2015).

O estado de *dependência relativa* ocorre quando o bebê já se vê como alguém separado de sua mãe e possui uma capacidade para tolerar a frustração durante um curto espaço de tempo. Neste momento, é que começam a aparecer os primeiros sinais de ansiedade da criança quando a mãe se distancia por um período superior à capacidade de tolerância do bebê. (Winnicott, 1983). O mesmo autor em, 1990, traz o conceito de *capacidade para estar só*, a qual é adquirida a partir da capacidade do bebê de ficar só na presença da mãe. O “estar só” é uma decorrência do “eu sou”, aquisição que está entrelaçada à percepção da criança da existência contínua de uma mãe disponível que permite que ela fique só e tenha prazer em estar consigo, por períodos limitados. No transcorrer do desenvolvimento, a criança torna-se capaz de dispensar a presença da mãe real ou figura materna, já que conseguiu estabelecer um meio interno para si. Guerra (2017) concorda com Winnicott, quando diz que o bebê pode começar a estar só quando a mãe consegue também separar-se dele, mesmo que estando no mesmo espaço, porém, ocupada com outros horizontes libidinais.

Winnicott (1975) apresenta o conceito de *objetos transicionais*. Estes são objetos que o bebê escolhe para ter por perto e que representam a presença da mãe, de forma a ajudá-lo a se acalmar em momentos de ansiedade, principalmente quando a mãe está longe. Diferentemente, dos objetos transicionais, Guerra (2017) nos apresenta o conceito de *objetos tutores*. São objetos que representam um encontro agradável da mãe com a criança. Quando a mãe possui uma disponibilidade lúdica, ela realiza uma interação com o bebê através de uma “animação narrativa” do objeto e lhe dá um nome próprio e significado importante. Estes objetos tutores fazem companhia à criança, participam da história da mãe e do bebê, e possuem significados afetivos identificatórios. Estes ainda possuem maiores significados nos processos de luto, nos quais, às vezes, os objetos têm um valor mais especial como “testemunhos” de encontros.

É importante para que o indivíduo possa aprender com as experiências emocionais da vida, tanto com as boas como com as más, que lhe possibilitarão desenvolver-se mentalmente. Quando diante de situações difíceis, algumas pessoas as evitam através de mecanismos defensivos de fuga, enquanto outras enfrentam a dificuldade, sofrendo dor mental, entretanto, desenvolvendo a capacidade para transformar a realidade frustradora (Bion, 1991).

A história do livro “Quarto” (2011)

Para exemplificar a importância do ambiente na constituição do psiquismo do sujeito, a partir de teóricos psicanalíticos, tomo como fonte de pesquisa o livro “Quarto” de Emma Donoghue, publicado em 2011, a fim refletir sobre os fatores ambientais considerados favoráveis para um desenvolvimento psíquico saudável.

“Quarto” conta a história pelo ponto de vista da criança, Jack, um menino de cinco anos, que vive com sua mãe, Joy, ambos aprisionados em um quarto de 7m². O livro é dividido em cinco capítulos: Presentes, Desmentidos, Morrer, Depois e Viver.

Joy tinha dezenove anos quando foi sequestrada pelo Velho Nick e ficou presa no Quarto. Ela permaneceu por lá durante sete anos. Tentou escapar de diversas formas, mas o chão do quarto era blindado e no teto só havia uma claraboia à prova de som. Quando Jack nasce, para ele, aquele quarto é o mundo. Quem lhe propõe esta experiência é a sua Mãe (como Jack a chama), a qual criou um ambiente lúdico, embora num espaço restrito, para que ele conseguisse desenvolver-se bem, como se aquele mundo fosse realmente o único que existisse.

Mesmo que ambos estivessem no mesmo lugar sempre, Joy poupava Jack do contato com o Velho Nick, que aparecia todas as noites para estuprar Joy e aos domingos levava “Presentes” (como comida, papel higiênico) que Joy lhe pedia para que pudessem sobreviver. Um dia o Velho Nick conta a Joy que perdeu o emprego e que por isso ele está cortando a luz do quarto. Sabendo disso, Joy pensa em um plano para sair logo de lá, devido ao perigo de ela e seu filho não sobreviverem. Quando conta a Jack, este de início, não acredita no que a mãe diz sobre existir um mundo lá fora. Porém, aos poucos, começa a imaginar como este seria e aceita o plano.

O plano funcionou da seguinte forma: Joy enrolou Jack em um tapete, e contou ao Velho Nick que Jack havia ficado muito doente e havia falecido. Pediu então que ele o enterrasse bem longe de lá imediatamente. O Velho Nick colocou-o na traseira da caminhonete, e nesse momento, Jack tinha que se desenrolar e pular quando esta estivesse parada. Após conseguir realizar o plano com êxito, os policiais o encontram e o menino ajuda-os a encontrar sua mãe. Depois, permanecem algumas semanas na clínica psiquiátrica Cumberland para receberem os cuidados necessários. Neste tempo, Jack conhece a avó, o tio Paul, o namorado da avó, e o avô, que vão visitá-los. Durante este período, Joy realiza uma entrevista para a televisão, a qual a deixa muito irritada, pois sente a pressão de ter ficado tanto tempo longe do mundo. Em um dia, após esta entrevista, Jack encontra sua mãe dormindo e vê que há tubos vazios de remédios perto da cama. A avó de Jack o leva para sua casa e fica com ele neste período em que a mãe precisaria ser desintoxicada pela tentativa de suicídio.

Quando voltam para a casa de Joy, onde ela morava quando era adolescente, Jack consegue adaptar-se ao ambiente e à rotina, convivendo com a avó e o namorado dela. Quando Joy volta recuperada da clínica, ela e Jack vão morar em um apartamento.

No final do livro, Jack pede à sua mãe para retornarem ao “Quarto” para despedirem-se do mesmo.

A diferenciação eu-não-eu e o real versus o imaginário

Para que o sujeito venha a ser uma unidade e se constitua como *meio-ambiente indivíduo*, é necessário que a mãe forneça um *setting* para que a criança consiga desenvolver-se e expressar-se (Winnicott, 1982) e estabeleça o sentido de eu-não eu no bebê, de forma a este, aos poucos, constituir uma personalidade (Abram 2013). A todo momento, no livro “Quarto”, a mãe de Jack proporciona a ele este setting, no qual ele pode ser ele mesmo, expressar suas vontades e desenvolver sua criatividade. No livro, há um trecho que demonstra que Jack já sabe quem é e percebe diferenças entre ele e a mãe:

É esquisito ter uma coisa que é minha e não é da Mãe. O resto é tudo de nós dois. Acho que o meu corpo é meu, e as ideias que acontecem na minha cabeça. Mas as minhas células são feitas de células dela, quer dizer que sou meio dela. E também, quando eu digo pra ela o que estou pensando e ela diz pra mim o que está pensando, nossas ideias de cada um pulam na cabeça do outro, que nem o lápis de cera azul em cima do amarelo, que dá verde. (Quarto, 2011, p. 22).

É possível ver neste trecho, que Jack também pode expressar suas vontades, e que há uma cooperação entre ele e a mãe de forma que cada um com suas diferenças conseguem complementar-se e conviver bem. Em outro momento, o menino diz que eles podem cortar o cabelo dela para que eles fiquem iguais novamente. Ela, entretanto, marca a diferença entre eles, dizendo que quer deixar o seu cabelo comprido.

Winnicott (1975) fala a respeito do olhar da mãe sobre o bebê, que reflete seus sentimentos em relação ao que vê nele, de forma a atestar a existência do mesmo, como um ser autônomo e espontâneo. No livro há três trechos de ambas as fases. No confinamento, a mãe desenha Jack demonstrando-o como ele é pelo olhar dela: “Eu! - Era que nem no Espelho, só que mais, tinha minha cabeça e braço e ombro, de camiseta de dormir.” (Quarto, 2011, p. 17). Neste trecho a seguir, é Jack se olhando no espelho, de forma a perceber diferenças entre ele e a mãe: “Tornei a olhar para o Espelho. Nossas camisetas de dormir também são diferentes, e a nossa roupa de baixo, a dela não tem ursinhos.” (Quarto, 2011, p. 20). Em um segundo momento, que Jack já tem internalizado quem ele é, brinca de ser assustador como nesta vinheta:

Os meninos são da TV, mas meio parecidos comigo, com o eu do Espelho. . . .
Às vezes eu gosto de soltar o rabo de cavalo e botar todo o cabelo pra frente e

espichar a língua pelo meio dele feito um verme, e aí mostrar a cara e dizer buuu. (Quarto, 2011, p. 68).

No início de sua vida, o bebê acredita que é ele quem cria tudo para se satisfazer. Aos poucos, percebe que existe uma realidade externa a ele e aprende a lidar com as frustrações desta (Winnicott, 1990). No “Quarto”, é possível ver durante todo o livro, que Jack necessita diferenciar o que é real e o que não é. Alguns trechos nos mostram essa necessidade de Jack de dar sentido ao que vê:

As florestas são da TV, e também as selvas e desertos e ruas e arranha-céus e carros. Os animais são da TV, menos as formigas e a Aranha e o Camundongo, mas ele foi embora. Os micróbios são reais e o sangue. (Quarto, 2011, p.68).

A mãe sempre dá significado para tudo, de forma a ajudar o filho a simbolizar e entender o mundo que vive: “Muitas coisas na TV são imagens criadas; por exemplo, a Dora é só um desenho, mas as outras pessoas, as que têm rosto parecido com o seu e o meu, elas são reais.” (Quarto, 2011, p.74). Há uma passagem que Joy começa a apresentar uma realidade externa ao filho, dando margem para que o mesmo comece a pensar que o quarto não é realmente o mundo inteiro: “Só porque você nunca os conheceu, não quer dizer que eles não sejam reais. Há mais coisas na terra que você jamais sonhou.” (Quarto, 2011, p.99).

A mãe suficientemente boa

Winnicott (1975) fala das funções ambientais, que envolvem o *holding*, *handling* e a apresentação de objetos. Quando estas funções ocorrem de maneira satisfatória para o bebê, significa que a mãe exerceu sua função de *mãe suficientemente boa*, ou seja, se devotou totalmente ao filho, e permitiu que o bebê se sentisse integrado, contido e que aos poucos fosse conhecendo a realidade externa a ele. É possível pensar que Joy realiza esta função de forma adequada, já que ela estabelece diferenças entre os dois, organiza o ambiente quando propõe uma rotina, possui capacidade lúdica, e nomeia para ele cada objeto que existe no quarto. Além disso, ela preocupa-se com a saúde do filho quando lhe dá vitaminas, ao realizar a “Educação Física” para que Jack desenvolvesse musculatura e gastasse energia. Segue um trecho da devoção de Joy a Jack:

Acho que o que os bebês querem, basicamente, é ter a mãe presente. Não, eu só tinha medo de que o Jack adoecesse... e eu também, ele precisava que eu estivesse bem. Por isso, eram só as coisas que eu recordava das aulas de higiene, como lavar as mãos, cozinhar tudo muito bem...(Quarto, 2011, p.257).

Vieira e Zornig (2015) dão importância para a função desempenhada pelo objeto primário (mãe) nas primeiras frustrações, de modo que não sejam vivências traumáticas para o bebê. No livro, Joy faz brilhantemente este papel, protegendo o filho, até os cinco anos, da verdadeira realidade que estavam vivenciando.

A dependência relativa e a capacidade para estar só

No livro, pode-se pensar que Jack atingiu uma dependência relativa de sua mãe e capacidade para estar só, já que nos dias em que Joy se dopava (passava o dia dormindo), é mostrado que ele consegue se virar sozinho, montando sua programação do dia, ainda que esperando que no dia seguinte ela acordasse, pois não saberia o que ia acontecer se ela ficasse mais de um dia assim: “Detesto quando ela fica Fora, mas gosto de poder ver televisão o dia inteiro.” (Quarto, 2011, p.76); “Quinta-feira quer dizer lavar roupa, mas não posso fazer tudo sozinho e a Mãe continua deitada nos lençóis, de qualquer jeito” (Quarto, 2011, p.76); “A Mãe nunca ficou Fora mais de um dia. Não sei o que vou fazer se acordar amanhã e ela ainda estiver Fora.” (Quarto, 2011, p.78).

Objetos tutores e objetos transicionais

Guerra (2017) fala sobre os objetos tutores que ajudam a criança a suportar a ausência da mãe por manter uma espécie de continuidade com o objeto que representou um encontro agradável com ela. A mãe que possui uma disponibilidade lúdica consegue dar um nome próprio ao objeto inanimado e este passa a fazer companhia à criança. Nos processos de luto, equivalem muitas vezes como “testemunhos” dos encontros da mãe com seu bebê. No livro, Jack se relaciona com estes objetos, já que cada um tem seu nome escrito como um substantivo próprio, de forma que seria único, não existiriam outros iguais no mundo, somente no quarto. Como exemplo:

Jack - “Quero ir pra Cama”

Joy - “Daqui a pouco vão encontrar um lugar para a gente dormir”.

Jack - “Não. *Cama*.”

Joy - “Você quer dizer no Quarto?”

Jack - “É. Eu vi o mundo e agora estou cansado.” (Quarto, 2011, p.174).

No final do livro, quando Joy e Jack voltam ao Quarto, o menino tem a necessidade de dizer adeus para cada cômodo, que naqueles cinco anos, significaram muito para ele: “Adeus, Parede”; “Adeus, Piso”; “Adeus, Cama”; “Adeus, Cobra de Ovos”; “Adeus, Guarda-roupa”; “Adeus, Teto.” (Quarto, 2011, pp.348-349).

Winnicott (1975) apresenta o conceito de objetos transicionais. Estes são objetos que o bebê escolhe para ter por perto e o ajudam a se acalmar em momentos de ansiedade, principalmente quando a mãe está longe. De início, ele realmente é uma parte da mãe e aos poucos vai se tornando algo que o faz lembrar-se dela. No “Quarto”, Jack em sua fuga, leva o dente podre da mãe dentro de sua meia, para sentir que não estava sozinho naquela missão: “Você está aí, Dente? Não consigo sentir, mas você deve estar na minha meia, no lado. Você é

um pedaço da Mãe, um pedacinho cuspidor e escarrado da Mãe que vai comigo.” (Quarto, 2011, p.156). Quando Jack perde o dente da mãe, fica muito angustiado, não quer nem contar para ela o ocorrido, pois para ele, perdeu realmente uma parte de sua mãe: “Eu não podia contar que vai ver que eu tinha perdido um pedaço dela”. (Quarto, 2011, p. 330). Entretanto, Jack acaba contando para a mãe e ela aproveita este momento para ajudá-lo se despedir do dente. Jack consegue por já ter a capacidade de internalizar a presença da mãe:

Jack - “O Dente não é só uma coisa, eu preciso dele.”.

Joy - “Confie em mim, você não precisa.” (...) “Tchauzinho, dente velho estragado. Fim da história.” (Quarto, 2011, p. 333).

“Acho que vai ver que eu engoli ele sem querer. Pode ser que ele não saia no meu cocô, pode ser que fique escondido num canto dentro de mim pra sempre”. (Quarto, 2011, p. 334).

Expectativas maternas e a familiarização com o ambiente

A mãe, desde o momento da concepção do bebê possui expectativas quanto a este. Estas expectativas relacionam-se com seu próprio mundo interno, com vivências de suas relações passadas e de suas necessidades conscientes e inconscientes relacionadas ao feto e à gestação (Piccinini e cols, 2004; Prado e cols, 2008, como citado em Azevedo e Moreira, 2014).

No livro, Jack foi fruto de um estupro do Velho Nick à Joy. Podemos pensar, que Jack foi o alicerce de sua mãe durante todos estes anos, de forma que ela sempre tinha algo para se ocupar e uma companhia dentro daquele espaço. Jack também é visto pela mãe como uma forma possível de fuga dali quando crescesse: “Mas você tem superpoderes - A Mãe me disse - É a única pessoa capaz de fazer isso. Você quer?” (Quarto, 2011, p.126). Uma frase que ilustra a importância de Jack para sua mãe, e a consciência que ele tem disso:

Joy - . . . Você desceu zunindo.

Jack - Pela Claraboia. Você andava toda triste até eu acontecer na sua barriga.

Joy - Falou e disse. (Quarto, 2011, p.15).

Bowlby (1984) refere que somos atraídos por partes do ambiente, pessoas e locais com que nos familiarizamos, e somos repelidos por outras partes desse mesmo ambiente que nos dão indícios de perigo. Propõe que há uma tendência nos humanos de permanecer em um lugar específico, já conhecido na companhia de pessoas familiares a eles. No livro, Jack sempre se remete ao que havia dentro do Quarto, sentindo falta de seus pertences de lá e de estar naquele lugar com sua mãe. Podemos verificar isto nestas vinhetas: “A gente precisa mesmo voltar pro Quarto- respondi. - Preciso do Vaso.” e “No Quarto eu ficava seguro e o Lá Fora é que assusta.” (Quarto, 2011, pp. 180 e

241). Como Jack fala todo tempo para sua avó sobre o que havia no quarto, do que ele gostava de brincar e sente saudade, a mesma possui a sensibilidade de pedir para a polícia trazer estes pertences para eles, para que o menino se sentisse mais familiarizado com o mundo. Jack também tem a tendência de querer repetir o que fazia quando estava no quarto, tanto em questões de horários da rotina quanto em precisar dormir na cama com a mãe ou brincar na banheira. A mãe, entretanto, reformula as regras, dizendo: "Não temos que fazer as mesmas coisas que fazíamos- disse a Mãe-, a gente pode fazer o que quiser aquilo de que gostar." (Quarto p. 195).

O interdito e o complexo de castração

Freud (1923-1925) constitui a teoria do Complexo de Édipo, destacando a importância de que um terceiro possa exercer um interdito entre a mãe e a criança, de forma que a mesma possa perceber que existe um outro além da dupla e, conseqüentemente, uma realidade externa. É possível analisar que apesar de Jack conviver somente com sua mãe, foram estabelecidos diversos interditos entre eles. Por exemplo, o menino tem que dormir no guarda-roupa, quando o Velho Nick entra no quarto, pois ambos não podem entrar em contato. Há interditos quando a mãe estabelece para eles horários de rotina, como escovar os dentes logo após comer, horários de educação física, de leitura etc.

A mãe preserva Jack de suas marcas e roxos, não entrando nunca neste assunto e tentando esconder do mesmo. Joy aos poucos vai contando sua história pessoal ao filho, como era sua vida antes dele e antes do quarto, questiona-o de onde ele acha que vem a comida (alguém tem que trazer de fora do quarto), de forma a mostrá-lo que existe uma realidade externa. Por tal importância destes interditos estabelecidos pela mãe, é que Jack consegue executar o plano de fuga e sobreviver à imprevisibilidade do mundo externo. Quando ele e sua mãe vão morar juntos após a volta da mãe da clínica psiquiátrica, a mesma estabelece novos e importantes interditos, demonstrando a Jack que naquele momento novas regras seriam necessárias e que ele teria capacidade para conviver com elas, como a separação do "Quarto do Jack" e do "Quarto da Mãe", além de ele não poder mais mamar nela. Há um trecho que demonstra a curiosidade e ao mesmo tempo raiva de pensar o que a mãe e o Velho Jack faziam no quarto quando ele estava no guarda-roupa:

Será que a Mãe desliga quando ele desliga, ou fica acordada esperando ele ir embora? Vai ver que os dois estão desligados e eu ligado, o que é esquisito. Eu podia sentar e sair engatinhando do Guarda-Roupa, eles nem iam saber. Podia fazer um desenho deles na Cama, ou coisa assim. Fiquei pensando se eles estavam um do lado do outro ou virados ao contrário. Aí me veio uma ideia terrível: e se ele estiver tomando um pouco? Será que a Mãe ia deixar, ou ia dizer: 'Nem vem, neném, isto é só para Jack?'. (Quarto, 2011, p. 62).

É após essa fala do menino que ele acaba mexendo no controle remoto do jipe que cai na cabeça do Velho Nick. É possível pensar esta atitude como sendo uma atuação da raiva de Jack. Tendo em vista que não podia sair do guarda-roupa, essa seria uma forma de acordá-lo e afastá-lo de perto de sua mãe. Há um trecho do livro, que ilustra a sensação de Jack de ter que reivindicar tudo o que passou no quarto- e da convivência exclusiva de sua mãe- para conhecer e se apropriar da realidade externa. Este trecho é a transição do menino para o mundo que o espera. Ele, nesse momento, possui ainda o desejo de que tudo funcione como era no quarto, um lugar em que ele se sentia totalmente seguro, pois tudo era previsível, porém deseja adquirir novas experiências e apropriar-se do que o mundo tem a lhe oferecer. Pode-se pensar que ele agora já possui a noção de realidade interna e tudo que vai carregar dentro de si dos momentos que viveu versus tudo o que tem ainda para viver:

Um dia, eu quis saber se as janelas abriam. Experimentei a do banheiro, descobri a alavanca e empurrei o vidro. Fiquei com medo do ar, mas estava assustoso, debrucei para fora e passei as duas mãos pela janela. Estava metade dentro e metade fora, foi a coisa mais incrível... "(Quarto, 2011.p.341).

Neste momento, a mãe vê a cena e o puxa para dentro, dizendo que ele pode cair, porém ele responde de uma forma fantástica o seu sentimento de liberdade: "Eu não estava caindo- eu disse-estava dentro e fora ao mesmo tempo." (Quarto, 2011.p.341).

Aprendizagem a partir da experiência

Bion (1991) relaciona a aprendizagem com a experiência dizendo que é importante que o indivíduo possa aprender com as experiências emocionais vivenciadas, para que estas sejam elaboradas e toleradas possibilitando que a pessoa siga em frente e esteja disposta a viver novas experiências. No livro, tanto Jack quanto sua mãe aprenderam com esta experiência e conseguiram seguir adiante com a vida (mesmo que a Joy tenha demorado um pouco mais devido à tentativa de suicídio), comprar um apartamento para morar, conviver com outras pessoas, algo que não tinha sido possível durante aqueles anos anteriores. Na última página do livro, Jack e Joy voltam para o quarto para se despedirem de lá, a pedido de Jack, que tinha curiosidade em saber como estava o lugar após eles terem saído. Porém, como ambos estavam seguindo em frente, e o menino viu o mundo de possibilidades que existiam fora do quarto, quando chegam lá, ele se despede de cada cômodo que sobrou, porém diz: "Olhei pra trás mais uma vez. Parecia uma cratera, um buraco onde aconteceu alguma coisa. Aí saímos pela porta." (Quarto, 2011, p. 349).

Considerações Finais

Concordo com os autores referidos neste estudo que o ambiente possui uma influência significativa na formação do psiquismo do sujeito. Um ambiente facilitador possibilita à criança expressar sua espontaneidade e, aos poucos, ir desenvolvendo seu self de forma autêntica, até que consiga realizar funções sozinha e tolerar as frustrações da realidade externa.

Considero importante salientar que os aspectos que influenciam na constituição psíquica do sujeito, dizem respeito ao ambiente que vai ser proporcionado para o desenvolvimento do bebê e relacionam-se com a forma de cuidado e preocupação inicial que a mãe vai exercer frente a ele e que influenciará em sua maturação psíquica.

No exemplo de Jack, é possível constatar, que mesmo em um espaço restrito, já que ele ficou trancado com a mãe em um quarto durante cinco anos, ele conseguiu se desenvolver de forma satisfatória. Se o ambiente não tivesse lhe proporcionado confiança, limites, espaços para que Jack pudesse realizar tarefas sozinho e que suportasse permanecer só por algum tempo, se não tivesse sido traduzido para ele o que era real e o que era imaginário, ele não estaria pronto para viver uma vida fora daquele espaço.

A importância deste ambiente que a mãe de Jack criou para os dois foi fundamental para que eles conseguissem suportar viver em sociedade quando tiveram a chance de fugir do quarto. Constato isso, uma vez que nos momentos de maior estresse, quando ele teve que executar o plano de fuga ou simplesmente precisou aprender a viver no mundo afora, Jack não se desorganizou. Isso se deu por tudo o que a mãe lhe proporcionou dentro daquele quarto, tornando-o como o mundo de verdade.

É possível refletir através do livro que não há impedimentos para uma mãe dedicada a seu filho. O ambiente é muito mais do que apenas um espaço físico, é um espaço de desenvolvimento e aprendizado sobre os potenciais do ser humano, é determinante na constituição do psiquismo de cada um.

Referências

- Abram, J. (2013). The evolution of Winnicott's theoretical matrix: a brief outline. In *Donald Winnicott today* (p. 73-112). London and New York: Routledge/The New Library of Psychoanalysis. [https://books.google.com.br/books?hl=pt- BR&lr=lang_es|lang_en|lang_pt&id=GRDuB3BSR8kC&oi=fnd&pg=PP2&dq=Abr am,+J.+\(2013\).+The+evolution+of+Winnicott%27s+theoretical+matrix:+a+brief+outline&ots=GjmYqtVM9h&sig=20H3xCHyqckAJ3udidRNZ729QfM#v=onepage&q=73&f=false](https://books.google.com.br/books?hl=pt- BR&lr=lang_es|lang_en|lang_pt&id=GRDuB3BSR8kC&oi=fnd&pg=PP2&dq=Abr am,+J.+(2013).+The+evolution+of+Winnicott%27s+theoretical+matrix:+a+brief+outline&ots=GjmYqtVM9h&sig=20H3xCHyqckAJ3udidRNZ729QfM#v=onepage&q=73&f=false) [2017, 20 de setembro].
- Azevedo, E. C.; Moreira, M. C. (2014) Psiquismo fetal: um olhar psicanalítico.[Online]. Revista da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul. Diaphora. <http://www.sprgs.org.br/diaphora/ojs/index.php/diaphora/article/view/73/73> [2017, 24de maio].
- Bion, W.R. (1991). *Aprendiendo de la experiencia*. 2ª Ed. México: Paidós.

- Bowlby, J. (1984). *Separação: angústia e raiva*. São Paulo: Martins Fontes.
- Donoghue, E (2011). *Quarto*. Campinas, São Paulo: Verus Editora.
- Freud, S. (1969). *A Dissolução do Complexo de Édipo*. In: *O Ego e o Id e outros trabalhos (1923-1925)*. Vol XIX. Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Guerra, V. (2014). (Produtor) & Guerra, V (Diretor). (2014). *Indicadores de Intersubjetividade 0-12 meses [DVD]*. Montevidéo.
- Guerra, V. (2017). *Simbolização e objetos na vida psíquica: os objetos tutores*. *Jornal de Psicanálise*. Montevidéo. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352017000100021 [2017, 02 de setembro].
- Henriques,P.(2017).*Vinculação Pré-Natal e Relação Marital*. Universidade Autônoma de Lisboa. <http://repositorio.ual.pt/bitstream/11144/3015/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o-Patr%C3%ADcia-Henriques.pdf> [2017, 26 de setembro].
- Marcondes, D. (2000). *Alegoria da Caverna: A República, 514a-517c*. Tradução de Lucy Magalhães. In: *Textos Básicos de Filosofia: dos Pré- socráticos a Wittgenstein A*. Rio de Janeiro: Editora Zahar. (2a ed).
- Vieira, A. C. D.; Zornig, S. M. A. (2015). *Ambiente violento, infância perdida?*. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142015000100088. [2017, 22 de maio].
- Winnicott, DW. (1985). *A criança e seu mundo*. São Paulo: Zahar.
- Winnicott, D.W. (1982). *Da pediatria a psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago.
- Winnicott, D.W. (1990). *Ilusão x Desilusão*. In: *Natureza humana*. Rio de Janeiro: Imago.
- Winnicott, D.W. (1983). *O ambiente e os processos de maturação*. São Paulo: Artmed.
- Winnicott, D.W. (2002). *Os bebês e suas mães*. São Paulo: Martins Fontes.
- Winnicott,D.W. (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago.